O IDOSO E O JOVEM SEMIOTICAMENTE MODALIZADOS ENTRE O QUERER-SER E O DEVER-SER

RAIMUNDO ISÍDIO DE SOUSA*
MÁRCIA EDLENE M. LIMA**

Resumo: *As mídias digitais têm provocado mudanças substanciais na vida, no comportamento e na forma de constituição dos sujeitos de idades diversas, suscitando amplas possibilidades. O idoso insere-se nesse contexto para buscas diversas, por ser uma forma de possibilitar mais contatos com as pessoas e de se constituir como sujeito desejoso por uma melhor qualidade de vida. Nesse sentido, objetivamos conhecer melhor o idoso que se constitui e circula no e pelo Facebook. Para tanto, propomos a seguinte questão-problema: Como o sujeito idoso é constituído no e pelo Facebook? Analisamos, pois, as formas de subjetivação que os facebookianos constroem em relação ao idoso, utilizando a teoria da Análise de Discurso. Concluímos que o Facebook possibilita materialidades de subjetivização do idoso e o caracteriza como um sujeito contemporâneo diante da necessidade de ser representado, narrado, mostrado e reinventado como objeto simbólico-discursivo.*

Palavras-chave: *Sujeito idoso; Longevidade; Análise de Discurso; Facebook.*

Abstract: *Digital media have caused substantial changes in life, behaviour and the ways in which subjects of different ages are constituted, thus raising wide possibilities. In this context, the elderly are included in various searches, as it is a way of enabling more contacts with people, constituting themselves as subjects desirous of a better quality of life. Thus, it is our intention to get to know better that which circulates on Facebook. As such, it is our intention to propose the following question-problem: How is the aged subject constituted on and by Facebook? We therefore analysed the forms of subjectivation that facebookians build in relation to the elderly, using the theory of Discourse Analysis. We conclude that Facebook enables materialisations of subjunctivisation of the elderly and characterises them as a contemporary subject faced with the need to be represented, narrated, shown and reinvented as a symbolic-discursive object.*

Keywords: *Aged subject; Longevity; Discourse Analysis; Facebook.*

INTRODUÇÃO

A presença é o primeiro modo de existência da significação, cuja plenitude estaria sempre por ser conquistada[1].

A tecnologia e a internet têm proporcionado condições para que aflorem subjetividades no ambiente virtual, possibilitando a constituição de um sujeito virtual que

* Universidade Estadual do Piauí. Email: risidios@yahoo.com.br.
** Universidade Estadual do Piauí. Email: marciamauriz2013@gmail.com.
[1] FONTANILLE, ZILBERBERG, 2001 [1988]: 123.

projeta uma realidade sui-referencial. É um sujeito virtual justamente porque se constitui ao circular e se fazer presente na rede, criando efeitos de pertencimento e de engajamento a determinada comunidade. O ambiente virtual é uma rede de materialidades factuais, em que o sujeito potencializa a ilusão do ser livre do que diz e posta na rede, criando identidade numa dinâmica pautada entre o ser e o parecer. É nesse sentido que Greimas e Courtés[2] propõem, na semiótica discursiva, as modalidades veridictórias.

É no viés veridictório que procuramos analisar, neste artigo, a tematização da velhice, entrecruzando investimentos temático-figurativos do jovem e do idoso em quatro *posts* que circulam no Facebook, bem como analisando as estratégias e os recursos discursivos utilizados pelos enunciadores para suscitar enunciativamente efeitos de sentido.

A busca dos *posts* no Facebook se deu a partir do enunciado «Nois é jovem mas a coluna é de idoso», porque é recorrentemente sincretizado em diversos textos dessa rede social e porque abrange temáticas bastante diferentes. Esse fato apresentou-nos um aspecto inusitado: os *posts* reiteram o núcleo temático «velhice», porém os atores dos enunciados não são figurativizados como sujeitos velhos.

Diante desse aparato sensível de sentido, abordamos o contrato veridictório, perscrutando a relação entre a contrariedade, a implicação e a concessão. O simulacro metodológico para o estudo está amparado nos postulados da semiótica francesa, especialmente em Barros[3], Discini[4], Fiorin[5], Greimas[6], Greimas e Courtés[7] e Zilberberg[8].

Este artigo está organizado em três partes: a primeira apresenta algumas categorias analíticas da semiótica discursiva; a segunda analisa o *corpus* tensionando a carga teórica com o objeto semiótico em seus diversos planos corpóreo-temáticos; e a terceira tece reflexões sobre as análises e sobre o modo de dizer do enunciador ao constituir e operar o contrato fiduciário, que é regido pelas relações e projeções de ações do destinador para com o destinatário.

1. A SEMIÓTICA DISCURSIVA

A semiótica discursiva é considerada a teoria da significação, a partir da produção e da apreensão do sentido. Para tanto, Greimas propõe o percurso gerativo e, com outros autores, procedimentos da dimensão sensível e inteligível da significação.

Ela não se atém em compreender o signo numa dimensão isolada, mas nos sistemas semióticos que engendram o aparato da significação e os processos a eles

[2] GREIMAS, COURTÉS, 2016.
[3] BARROS, 2001.
[4] DISCINI, 2004, 2018.
[5] FIORIN, 2016.
[6] GREIMAS, 2014.
[7] GREIMAS, COURTÉS, 2016.
[8] ZILBERBERG, 2011.

vinculados, ou seja, o que o texto diz e como os procedimentos nele inscritos fazem com que o texto diga o que diz. Nesse sentido, abordaremos a seguir alguns conceitos que integram o aparato teórico-metodológico da semiótica discursiva, como enunciação, discurso, verossimilhança, veridicção, plano de expressão e plano de conteúdo.

1.1. A enunciação e o discurso

A enunciação, na semiótica francesa, é tributária de vários autores, entre os quais destacamos Émile Benveniste, que introduz o sujeito para «vivificar» a língua, pois a enunciação é o «colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização»[9]. Para o autor, o EU refere-se ao sujeito que enuncia, o locutor, e o TU, ao sujeito com que o EU interage, o alocutário. A relação EU-TU constitui o centro de referência da enunciação. Benveniste destaca que o ELE é a não pessoa por não poder interagir no discurso, pois sempre será objeto de fala desse centro de referência.

Além da categoria de pessoa, Benveniste estrutura a enunciação com as outras categorias: o tempo e o espaço enunciativos. Aquele corresponde ao presente, ao agora, e este, ao aqui. O autor organiza a estrutura da enunciação e atribui a essas categorias um valor de dispositivo e assevera que «o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo»[10].

Nessa mesma configuração do dispositivo, a semiótica francesa concebe a enunciação como simulacro da relação entre *ego, hic et nunc*. De acordo com Greimas e Courtés,

> *enunciação se definirá de duas maneiras diferentes: seja como estrutura não-linguística (referencial) que subtende à comunicação linguística, seja como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)*[11].

A enunciação é pressuposta pelo fato de que tem como produto o enunciado e neste o sujeito está pressuposto e implícito, recuperado a partir das marcas inscritas no enunciado em menor ou maior grau diante do que enuncia. É na enunciação e por meio dela que o discurso é factualizado.

O *discurso* integra a enunciação, pois ele é resultado desta na ótica de Benveniste e existe por ato do sujeito. Para Discini, o discurso, no âmbito da semiótica, é considerado «como um nível que recobre os níveis profundo e narrativo da geração

[9] BENVENISTE, 1989: 82.
[10] BENVENISTE, 1989: 87.
[11] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 166.

do sentido e também como todo o plano do conteúdo do texto […] [e] como práxis enunciativa, que é o ir e vir do sujeito entre o próprio texto e a História»[12].

Zilberberg, tratando da sintaxe extensiva, afirma que «o discurso não é dirigido pela busca dos predicados universais, mas pelo recenseamento, por sua vez singular, dos interditos e das combinações prescritas, uns e outros eficientes, quando não oficiantes, na cultura em questão»[13].

Percebemos que o discurso para Discini se encontra numa estrutura balizar do percurso gerativo de sentido e da práxis enunciativa, enquanto Zilberberg acentua o discurso numa relação com a cultura, apontando elementos que podem não estar ditos no texto, nas combinações e nas tessituras que os engendram com o social.

Na semiótica francesa de base greimasiana, o discurso abrange o plano de conteúdo, compreendendo o percurso gerativo da significação, e o texto condensa tanto o plano de conteúdo quanto o plano de expressão. Antes de tratarmos do plano de expressão e do plano de conteúdo, abordaremos primeiramente a concepção de verossimilhança e de veridicção no âmbito da semiótica, noções de base ao entendimento de como se projeta a significação sem pautar-se numa relação ontológica do dizer.

1.2. O verossímil e a veridicção na semiótica discursiva

Vejamos o que Greimas e Courtés[14] trazem acerca do *verossímil*. Segundo os autores, o *verossímil* está situado numa projeção «para fora de si, visando a determinada realidade, ou melhor, a determinada concepção da realidade», como uma atitude num contexto linguageiro de uma realidade extralinguística. «O discurso verossímil não é apenas uma representação "correta" da realidade sociocultural, mas também um simulacro montado para fazer parecer verdadeiro e que ele se prende, por isso, à classe dos discursos persuasivos»[15].

A semiótica em seus postulados não vislumbra desvendar o problema da verdade, «mas o do dizer-verdadeiro, da veridicção»[16], pois

> *O crer-verdadeiro do enunciador não basta, supomos, à transmissão da verdade: o enunciador pode dizer quanto quiser, a respeito do objeto do saber que está comunicando, que «sabe», que está «seguro», que é «evidente»; nem por isso pode ele assegurar-se de ser acreditado pelo enunciatário: um crer-verdadeiro deve ser instalado nas duas extremidades do canal da comunicação, e é esse equilíbrio, mais ou menos consciente, que nós denominamos contrato de veridicção (ou contrato enuncivo)*[17].

[12] DISCINI, 2018: 32.
[13] ZILBERBERG, 2011: 23.
[14] GREIMAS, COURTÉS, 2016.
[15] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 534.
[16] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 530.
[17] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 531.

Nesse sentido, o enunciador deve constituir o «simulacro da verdade, tarefa essencial do enunciador, que está igualmente ligada tanto a seu próprio universo axiológico quanto ao do enunciatário e, sobretudo, à representação que o enunciador faz deste último universo»[18]. O quadrado semiótico do predicado modal — o *ser do ser* — ou a forma debreada do *saber-ser* é proposto por Greimas e Courtés conforme segue:

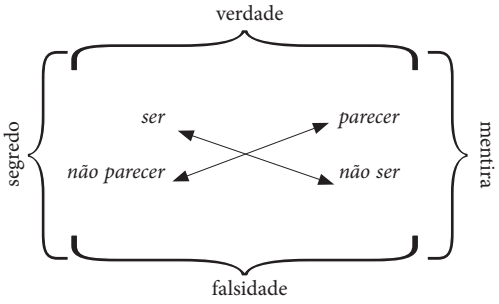

Fig. 1. Quadrado das modalidades veridictórias
Fonte: GREIMAS, COURTÉS, 2016: 532

A veridicção, de acordo com os autores e a figura acima, envolve o esquema da manifestação: *parecer/não parecer* e o da imanência: *ser/não ser* e é entre essas dimensões «que atua o "jogo da verdade": estabelecer, a partir da manifestação, a existência da imanência é decidir sobre o ser do ser»[19]. Então, a veridicção é construída na instância do discurso e não está centrada e referenciada no enunciador, mas na intersubjetividade que envolve necessariamente o enunciatário. Trata-se de um jogo e de um esquema que causa um efeito de verdade no discurso.

Nesse sentido, o enunciador propõe um contrato veridictório que tenta manipular o enunciatário-leitor. Observando o quadro modal do *ser* e do *parecer*, temos a *lógica da implicação* representada por meio dos termos *segredo* e *mentira*, respectivamente relacionados aos eixos temáticos não parecer/ser e não ser/parecer. Já *contrariedade* entre dois termos semânticos ocorre por meio da pressuposição recíproca «quando a presença de um deles pressupõe a do outro e, vice-versa, quando a ausência de um pressupõe a do outro» e se atende à relação lógica «se, e somente se, o termo contraditório de cada um deles implica o contrário do outro»[20]. No quadrado semiótico dos termos *ser-do-ser* e *saber-ser*, a contrariedade está na relação *ser* e *parecer*, como eixos a partir dos quais o sentido se arquiteta com as outras relações: contradição e complementaridade (implicação).

[18] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 531.
[19] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 532.
[20] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 99.

1.3. O plano de expressão e o plano de conteúdo

A semiótica discursiva tem base em pressupostos hjelmslevianos segundo os quais assentam a função semiótica na produção dos sentidos. Esta articula duas grandezas: a expressão e o conteúdo. Para Hjelmslev,

> *a função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo*[21].

A partir da função semiótica e de outros aparatos teóricos, a semiótica discursiva, mais precisamente com a obra de Greimas *De l'imperfection,* amplia a questão do plano de expressão, agora relacionando-o a uma semiótica do visível. Conforme Lopes[22], fundamentado em Greimas, o plano de expressão possui a estrutura conforme a tabela a seguir:

Tabela 1. Estrutura do plano de expressão

Nível superficial	Forma (eidético)
Nível intermediário	Cor (cromático)
Nível profundo	Luz

Fonte: LOPES, 2003: 69

Além da estrutura acima, Greimas[23], tratando das semióticas visuais, apresenta um outro componente: o *topológico*, estando numa dimensão mais profunda em relação à construção da cena. Diante desses componentes, o plano de expressão homologa efeitos da produção de sentido considerando as qualidades matéricas dos objetos que se encontram na tessitura textual.

O *plano de conteúdo* compreende o percurso gerativo de sentido, que tem a seguinte estrutura:

1) *nível fundamental*: é o nível mais profundo e abstrato, e nele se concentram as oposições fundamentais de natureza lógico-conceitual, bases do quadrado semiótico, que, em outros termos, são consideradas estruturas elementares da significação;

[21] HJELMSLEV, 2006: 54.
[22] LOPES, 2003: 69.
[23] GREIMAS, 2004: 84-86.

2) *nível narrativo*: é o nível intermediário do percurso, no qual as estruturas fundamentais se convertem em estruturas narrativas. Nele ocorre a operação de junção, representada pela conjunção ou disjunção, o que remete ao princípio da narratividade dos textos. Esse princípio está na imanência de qualquer texto, pois sempre há projeção de uma transformação de estado do sujeito em relação ao objeto. Segundo Barros, «o esquema narrativo canônico compreende os três percursos descritos, o percurso da manipulação ou do destinador-manipulador, o da ação ou do sujeito e o da sanção ou do destinador-julgador»[24];
3) *nível discursivo*: é o nível mais superficial e concreto, no qual se dá «especial importância às estruturas discursivas por serem consideradas o lugar, por excelência, de desvelamento da enunciação e de manifestação dos valores sobre os quais está assentado o texto»[25]. Nele ocorre a instalação das pessoas, do tempo e do espaço no enunciado, bem como as operações de figurativização, a tematização, a aspectualização e a isotopia.

Em relação aos mecanismos da instalação das categorias de pessoa, tempo e espaço, Fiorin[26] apresenta:

Tabela 2. Mecanismos de instalação de pessoa, tempo e espaço no discurso

Mecanismos	**Efeitos**	**Projeção**		
		Pessoa	***Tempo***	***Espaço***
Debreagem enunciativa	Subjetividade	Ego	*Nunc*	*Hic*
Debreagem enunciva	Objetividade	Não pessoa ELE	Então *tunc*	*Algures*
Embreagem	Retorno à enunciação (Neutralização)	Actancial	Temporal	Espacial

Fonte: Adaptado de FIORIN, 2016

A figurativização e a tematização são procedimentos semióticos que pertencem ao nível da semântica discursiva, por meio dos quais o sujeito da enunciação projeta uma relação entre o discurso e o mundo, criando um efeito de realidade[27], ao tempo em que dá concretude ao texto. Para Greimas e Courtés[28], a tematização pode concentrar-se quer nos sujeitos, quer nos objetos, quer nas funções, ou, pelo contrário, repartir-se igualmente pelos diferentes elementos da estrutura narrativa

[24] BARROS, 2001: 41.
[25] BARROS, 2001: 72.
[26] FIORIN, 2016.
[27] BARROS, 2001: 113.
[28] GREIMAS, COURTÉS, 2016.

em questão. Procedimento de conversão semântica, a tematização permite também formular diferentemente, mas de maneira ainda abstrata, um mesmo valor[29].

Em termos de concretização do sentido, dizemos que a figurativização se configura como um processo que permite a conversão do tema à figura. Segundo Barros, «a figurativização constitui um novo investimento semântico, pela instalação de figuras do conteúdo que se acrescentam "recobrindo-o", ao nível abstrato dos temas». É uma operação de discursivização dos temas, em que as figuras do conteúdo são determinadas por «traços "sensoriais"»[30].

Não se trata, segundo a autora, de «uma instauração de laços análogos entre realidade e discurso ou de confusão entre imagens do mundo e figuras discursivas», uma vez que «o discurso não é a reprodução do real, mas a criação de efeitos de realidade»[31] a partir da instância enunciativa, uma vez que esta é responsável pela produção do texto. Nesse sentido, veremos, a seguir, como o jovem e o idoso estão tematizados e figurativizados nos *posts*, *corpus* deste estudo.

2. O JOVEM E O IDOSO NO FACEBOOK: UMA RELAÇÃO ENTRE O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL

2.1. Considerações preliminares

O idoso é um objeto simbólico que está tematizado por vários sujeitos e em espaços semióticos no Facebook, às vezes, com tom humorístico e lúdico, intensificando estereótipos construídos pelo senso comum e, outras vezes, faz parte de cenário para anúncios publicitários dirigidos a um público jovem. Como estratégia discursiva, o enunciador mescla tons de voz: ora apresentando um tom sério no gênero anúncio, ora um tom lúdico e brincalhão nas materialidades discursivas dos comentários das postagens. Estas muitas vezes trazem imagens que recorrem expressivamente aos recursos da hipérbole e, na parte verbal, ao disfemismo e à onomatopeia. No *corpus*, há uma isotopia da temática da juventude numa relação com a velhice. Não há um personagem velho ou idoso para tematizar a velhice, pelo contrário, os enunciadores enunciam a partir do lugar de fala de jovem, adulto ou de publicitário.

Outro aspecto semiótico a considerar é o modo como o sujeito enuncia: a parte verbal imita a língua oral de faixa etária de jovem, mas com uma «coluna de velho». Esse uso pode causar a ambiguidade do termo *coluna* no enunciado verbal principal dos *posts*. Há, por conseguinte, uma isotopia tanto temática quanto figurativa de jovem com corpo ou com característica de idoso, velho.

[29] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 496.
[30] BARROS, 2001: 117.
[31] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 117.

Tabela 3. Enunciado-base dos textos

Nois é jovem	mas	a coluna é de idoso

Fonte: Organizado pelo autor a partir dos textos

Para denominar o *corpus*, identificamo-lo assim:

Fig. 2. *Minion*[32]
Fonte: <https://www.facebook.com/espacochienergiavital/?tn-str=k*F>. [Consult. 19 out. 2019].

Fig. 3. ET
Fonte: <https://www.facebook.com/francis.carlos.733?>. [Consult. 19 out. 2019].

[32] *Minions* — palavra inglesa, com tradução em português «servos». São criaturas pequenas de uma série de cinco filmes: *Meu Malvado Favorito* – MMF (do 1 ao 3) e uma série de filmes própria chamada *Minions* (do 1 ao 2). Está previsto para 2022 o lançamento do filme *Minions 2: A origem do GRU*. Eles têm cor amarela e formato de uma pílula como a de um remédio; alguns usam monóculos e outros, óculos; apresentam características e identidades diferentes: os considerados mais inteligentes orientam as tarefas, de acordo com as determinações do MMF, todos estão submetidos a trabalhar como escravos obedientes para o seu mestre chamado GRU, que é o MMF. É muito grande a quantidade dos *minions*, parecendo uma legião de soldados amarelos. Eles são atrapalhados em suas tarefas e emitem sons que não são traduzidos para qualquer uma língua; usam roupas iguais: um macacão *jeans*, luvas pretas e sapatos pretos. Possuem poucos cabelos.

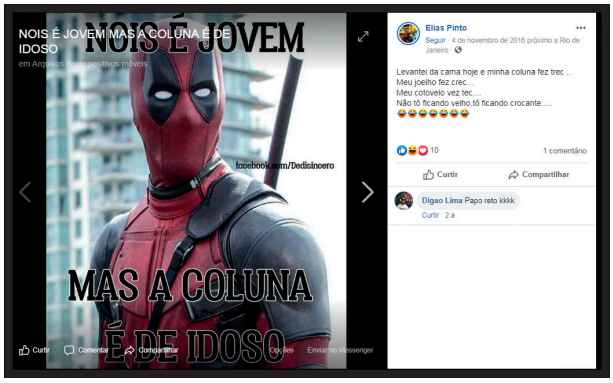

Fig. 4.
Deadpool
Fonte: <http://facebook.com/dedisincero>. [Consult. 19 out. 2019].

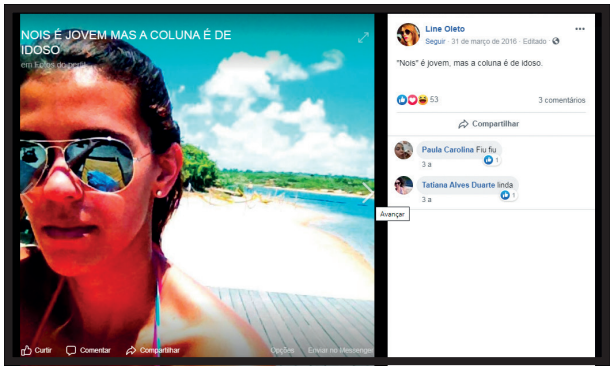

Fig. 5. *Post* de *selfie*
Fonte: <https://www.facebook.com/line.oleto? >. [Consult. 19 out. 2019].

2.2. Modos de semiotizar a juventude e a velhice

O *corpus* apresenta a tematização da velhice alinhada à da juventude, numa relação de contrariedade, de implicação e, principalmente, de concessão. No plano de conteúdo, podemos depreender os termos principais, a partir dos quais a arquitetura de sentido é projetada: juventude (jovem) e velhice (idoso, velho). Aquele está para a saúde assim como este para a doença, no caso, patologia na coluna vertebral. Tal paralelismo é estabelecido, considerando que:

a) o enunciado-base (NOIS É JOVEM MAS A COLUNA É DE IDOSO) e outros elementos verbais constantes nos *posts* reforçam a ideia de que, se o jovem não trabalhar a coluna adequadamente ou não praticar fisioterapia, terá a coluna de um idoso, conforme podemos remeter ao anúncio publicitário constante na figura 2;

b) mesmo sendo um super-herói, ET ou jovem, este pode ter coluna de idoso;

[33] *Deadpool* — filme em que o ator Ryan Reynolds interpreta o personagem principal Wade Wilson. Este é submetido a um experimento que transfigurou totalmente seu corpo, deixando-o com a pele muito modificada a ponto de querer escondê-la com a sua vestimenta de anti-herói. Possui superforça e uma capacidade de se regenerar rapidamente.

c) os termos *jovem* e *idoso* estão em oposição se considerarmos como critério tempo cronológico, causando uma relação de contrariedade, uma vez que não há possibilidade de ser jovem e velho ao mesmo tempo, ou seja, ser jovem afasta ser idoso, entretanto, o plano de conteúdo dos textos ressignifica esse efeito e incrementa o efeito da concessão;

d) à arquitetura do quadro semiótico subjaz uma relação de concessão pelo critério da sensibilidade, uma vez que o jovem apresenta patologia que, no senso comum, pode ser atribuída ao idoso.

O homem discursiviza o mundo por meio da linguagem, estabelecendo conexão entre o inteligível, o mensurável e o sensível para construir sentido e, nesse contexto, o idoso e o jovem ora estão numa relação de contrariedade, ora de implicação, ora de concessão. São considerados objetos que se imbricam no Facebook. Semioticamente, os sentidos são percebidos e projetados na relação de estesia e não somente na estética do belo, da perfeição, conforme os fundamentos da arte e da filosofia.

A linguagem do enunciado-base sugere ser registro linguístico de jovem que utiliza as redes sociais, conforme podemos constatar da parte visual dos atores que fizeram as postagens. Os atores do enunciado, considerados jovens, manifestam-se, no plano verbal, ora fazendo determinadas modificações na escrita, ora mesclando o oral no escrito. Temos o *Nois* em vez do *nós*. A expressão «mas é» nesse enunciado inscreve-se mais no registro oral da língua; também a falta da concordância do verbo *ser* com o sujeito expressa uma linguagem descuidada.

A contrariedade pode estar homologada na superfície dos enunciados por meio da conjunção adversativa *mas*, que projeta, na parte inicial dos enunciados, uma relação eufórica para o jovem; entretanto, pela leitura total, percebemos que há uma perspectiva disfórica tanto para o jovem quanto para o velho com o objeto de valor *saúde*, considerando que ambos os sujeitos se encontram em condições de igualdade de estado, mesmo havendo a oposição semântica dos termos juventude (jovem) e velhice (idoso, velho). Nesse sentido, o destinador-manipulador inscreve-se no plano do *desejável* para com o objeto de venda (fisioterapia manual) e projeta a *necessidade* para o destinatário, mobilizando um saber-crer sobre o que é ser jovem e ser velho e instaurando um querer-ser e um dever-ser.

A conjunção adversativa *mas* opõe as orações no nível do enunciado. A primeira, representada por NOIS É JOVEM, sugere uma extensividade positiva e uma continuação do que é ser jovem, entretanto, ocorre em seguida uma ruptura na esfera do sentido de ser jovem, causando uma quebra de expectativa no enunciatário. Esse recurso, conforme Zilberberg[34], provoca um declínio na dimensão do esperado, o que podemos dizer que se trata de uma concessão.

[34] ZILBERBERG, 2011.

2.3. A isotopia do humor nos memes e no *post*

O humor é um recurso isotópico por meio do qual o enunciador modaliza seu dizer, provocando riso, espanto, estranheza, bem como descompassos entre o dizer e o dito, exagero, descomedimento e desproporção entre o segmento verbal e o visual. O que lemos não garante o que vemos.

O termo *coluna* suscita ambiguidade, porque pode referir-se à parte do corpo humano e também ao espaço destinado à escrita e de personalização de tabelas do gerenciador de anúncios no Facebook, o que remete a um corpo fora de um espaço próprio: jovem em espaço de idoso ou jovem com patologia de idoso.

O humor atravessa a composição dos enunciados sincreticamente construídos. Na parte verbal, temos:

a) o léxico e as modificações na escrita, as abreviações, a mescla do oral no escrito;

b) o uso de hipérbole ou disfemismo no comentário da figura 3: «Quando morrer melhora». Como a coluna pode melhorar depois da morte? A impossibilidade desse acontecimento é que provoca o riso, justamente porque há uma exacerbação do dizer. Ao invés de o enunciador propor algo que possa melhorar a coluna, manifesta-se apresentando a morte como solução. No entanto, podemos dizer que a eficácia discursiva ocorreu, porque o enunciatário se manifesta aderindo ao contrato de veridicção que prima pelo tom lúdico de voz, ao intensificar o elemento do quadro semiótico *não ser*, que, em relação com o outro elemento *parecer* (*ser velho* o jovem por causa da coluna), implica a *mentira* como elemento complementar ao esquema de sentido. Com efeito, o enunciador promove um discurso que se inscreve no eixo da *imanência*, conforme Greimas e Courtés[35], pois ativa também o par do esquema *ser/não ser*;

c) o uso de efeitos sonoros, onomatopaicos e *emoticons* expressando alegria na postagem da figura 4:

Levantei da cama hoje e minha coluna fez trec…
Meu joelho fez crec…
Meu cotovelo fez tec…
Não tô ficando velho.tô ficando crocante…..

[35] GREIMAS, COURTÉS, 2016.

A relação dos sons onomatopaicos *trec*, *crec*, *tec* com o termo *crocante* e a negação da velhice provocam o riso e o ator insere os *emoticons* de alegria como certeza do humor causado. A combinação de elementos temáticos e figurativos, misturando-se duas isotopias, a humana e a de sons de objetos, sustenta o simulacro do contrato de fidúcia, um contrato tácito e imaginário de leitura. Segundo Discini[36], «o simulacro, apesar de não fundamentado intersubjetivamente, orienta a relação entre sujeitos».

O uso de aspas no pronome «Nois» do enunciado-base, constante no comentário do *post* da jovem:

«Nois» é jovem, mas a coluna é de idoso

As aspas mostram um sujeito heterogêneo, que desconfia do dizer enunciado, e o termo aspeado pode ser considerado uma glosa que nomeia o elemento estranho ao enunciado. A manutenção do contrato enunciativo tem como eixo concatenador o discurso humorístico e, no enunciado, a marca do Nois pode remeter-se a um posicionamento do observador social em relação à construção dos efeitos da relação velhice e juventude nos textos. Essa posição está na ordem da ideologia e da polifonia. Segundo Discini[37], «falamos de uma polêmica que, ao construir um discurso polifônico por excelência, apresenta uma dupla leitura inscrita na situação de enunciação construída no texto». O narrador, implícito, delega a voz ao ator do enunciado, fazendo com que o enunciado verbal da imagem concentre nele uma polifonia, pois este se reveste na fala do ator do enunciado.

O humor está presente na parte visual pelas escolhas dos enunciadores mediante as imagens que figurativizam a velhice:

1) o *minion*: o trabalho escravo desse personagem nos filmes do *Meu Malvado Favorito* e do filme que tem o mesmo nome do personagem *minion* inscreve-se no discurso da doença e sugere que o enunciatário procure os serviços de fisioterapia. No plano de conteúdo, é suscitado o sentido de que, mesmo o *minion* sendo um personagem jovem, tem a coluna de idoso, em virtude do trabalho pesado que realiza;
2) ET: a imagem mostra um ET sentado numa cadeira, em um ambiente aberto próximo à área de residência, em que constam jarros de plantas; está totalmente vestido com calça e camisa de mangas curtas. Pelo enquadramento, percebemos que a foto foi tirada numa posição frontal, o que intensifica o aspecto de massa corporal maior, e pela roupa que está vestido. A coluna está sustentada pelo encosto da cadeira. O efeito hiperbólico, devido ao exagero da

[36] DISCINI, 2018: 302.
[37] DISCINI, 2004: 6.

imagem, da cor e da posição do ET alinhado ao enunciado verbal «Quando morrer melhora», provoca o riso com um tom de brincadeira. O enunciador reforça a intensidade de ser velho sob um caráter disfórico, apresentando uma face negativa, pois a imagem sugere um corpo estático, parado, sem ânimo, sem vida e com feição anormal (ET);

3) a imagem do Deadpool, sobre a qual se encontra o enunciado-base em letras maiúsculas e escrito duas vezes: a primeira está de forma negritada, com tamanho grande e centralizado na página, sendo o enunciado recortado em três partes: a) NOIS É JOVEM, b) MAS A COLUNA e c) É DE IDOSO; a segunda traz o mesmo enunciado em letras maiúsculas e em cor branca, contrastando com o fundo da foto. O estranhamento que causa riso é o fato (exagerado) de um super-herói ter uma coluna como a de um idoso;
4) o *post* da *selfie* de uma jovem, com óculos esporte de cor verde, em traje de praia ou de rio, em área aberta, mostrando o céu com nuvens e num dia ensolarado e sobre a foto o enunciado-base em maiúsculas e na cor branca, alinhado à esquerda da margem superior, está figurativizando a juventude. A forma lúdica de dizer se acentua no fato de apresentar a foto da jovem e dizer que a «coluna é de idoso», ou seja, o estranhamento se dá pelo que é mostrado na instância visual e negado na instância verbal.

Podemos depreender um efeito de concessão entre o visual e o verbal, ou melhor, entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. Há uma negação da juventude na dimensão verbal e uma afirmação no visual.

O quadrado semiótico pode ser assim estruturado:

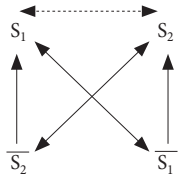

Fig. 6. Quadrado semiótico
Fonte: GREIMAS, COURTÉS, 2016: 401

S_1: juventude
S_2: velhice

$\overline{S_1}$: não juventude

$\overline{S_2}$: não velhice

$\leftrightarrow$: relação de contradição
$\rightarrow \leftarrow$ … : relação de contrariedade
S_1 – S_2: eixo dos contrários

$\bar{S}_2$ – $\bar{S}_1$: eixo dos subcontrários

S_1 – $\bar{S}_1$: esquema positivo

S_2 – $\bar{S}_2$: esquema negativo

S_2 – $\bar{S}_2$: dêixis positiva

S_1 – $\bar{S}_1$: dêixis negativa

Vemos, assim, que o plano visual afirma a juventude, o verbal a nega (S_1) e, consequentemente, afirma a velhice no plano verbal. Em outros termos, temos que a velhice, no plano verbal, é afirmada e, no visual, é negada e, por conseguinte, é afirmada a juventude. Este é o movimento que estrutura o nível fundamental do sentido envolvendo os dois planos: visual e verbal.

2.4. O cenário enunciativo dos *posts*

A instalação do *ego*, *hic et nunc* «é, antes de sua articulação, semioticamente vazio e semanticamente (enquanto depósito de sentido) demasiado cheio»[38]. A instância da enunciação atualiza esses índices e possibilita a instituição do simulacro da pessoa, do espaço e do tempo no discurso.

O enunciado-base apresenta o mecanismo da debreagem enunciativa pela presença do pronome «Nois» e pela elipse do possessivo de primeira pessoa «minha»: «Nois é jovem, mas a (minha) coluna é de idoso». Esse mesmo procedimento encontra-se nos verbos «é» e «tem», ambos no presente do indicativo, tempo da enunciação, o que projeta uma certeza no discurso e produz um efeito de aproximação do sujeito enunciador com o sujeito enunciatário.

O enunciado do anúncio da figura 2 (Faça fisioterapia e comprove os resultados) e os comentários das figuras 3 (Quando morrer melhora) e 4 (Levantei da cama hoje e minha coluna fez trec… Meu joelho fez crec… Meu cotovelo fez tec… Não tô ficando velho. tô ficando crocante) sincretizam predominantemente a debreagem enunciativa conforme as seguintes marcas linguísticas:

[38] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 167.

a) de pessoa, por meio do pronome pessoal de 2.ª pessoa «você» implícito em «morrer», do pronome «Eu» implícito aos verbos «Levantei» e «tô» e dos pronomes possessivos de 1.ª pessoa «minha» e «Meu»;

b) de tempo, por meio do advérbio de tempo «hoje»; do presente do indicativo «tô», que é o tempo da enunciação, e do pretérito perfeito do indicativo «Levantei» e «fez» que, mesmo designando ideia de passado e eventos realizados, constitui tempo ordenado em relação ao presente, ao *nunc*;

c) de espaço, que não está expressamente determinado, mas podemos remeter ao espaço do *aqui*, que é o espaço do enunciador, considerando ter dito «Levantei da cama hoje»). Para ativar um simulacro de veridicção do discurso, o texto da figura 2 traz o endereço da página da empresa na internet e dois números telefônicos. O espaço remete ao ato da enunciação, que é uma instância pressuposta no enunciado. Não podemos dizer que este espaço é da ordem da debreagem enunciva, porque todas as marcas de debreagem do todo dos enunciados corroboram a intensidade da debreagem enunciativa, tanto de pessoa quanto de tempo.

2.5. O contrato fiduciário e a manipulação enunciativa

O contrato de fidúcia se estabelece tacitamente entre o destinador e o destinatário e ele é necessário para a adesão da cena. Vemos que a manipulação se encontra sob diferentes formas. Na figura 2, temos um anúncio publicitário do Espaço Chi – Energia Vital, que chama a atenção do enunciatário para submeter-se a tratamento de fisioterapia, com um tom imperativo; nas figuras 3, 4 e 5, temos os comentários da postagem que suscitam a presença de um enunciador desconcentrado, mais imperfectivo. Nesse escopo contratual dos textos, a modalidade do dever-ser jovem ou idoso está relacionada à possibilidade do ser, eixo que norteia a narrativa sobre o ser jovem e o ser idoso.

O eixo da manipulação ao destinatário é o fio condutor da modalidade do *crer*, considerando que o pacto suscita a ideia de crença, em que o destinador oferece verdades acerca do objeto de valor, mobilizando, assim, uma situação de natureza semântico-modal: um *querer-fazer*, um *dever-fazer*. Conforme Greimas e Courtés, «enquanto configuração discursiva, a manipulação é sustentada por uma estrutura contratual e ao mesmo tempo por uma estrutura modal»[39]. O destinador, então, projeta o contrato de fidúcia como verdadeiro para sustentar a veridicção discursiva.

No texto da figura 2, na parte inferior ao enunciado-base «Nois é jovem mas a coluna é de idoso», há o anúncio:

[39] GREIMAS, COURTÉS, 2016: 301.

Tabela 4: Anúncio publicitário

Faça Fisioterapia Manual e comprove os resultados

Fonte: Espaço Chi – Energia Vital (identificado na figura 2)

Os textos permitem que consigamos identificar o perfil de quem enuncia mediante as marcas linguísticas e discursivas trazidas tanto no nível verbal quanto no visual. O anúncio, no plano verbal, apresenta um tom sério da voz, considerando a natureza publicitária, cuja estratégia maior é manipular o destinatário para que creia, queira e deva entrar em conjunção com os objetos de valor (fazer fisioterapia manual, ter saúde), estes propostos como objeto de desejo do enunciatário.

O destinador, na figura 3, utiliza a manipulação segundo a modalidade do saber, fazendo com que o destinatário tenha uma posição restrita de liberdade, pois está acometido pelo estado de debilidade física conforme demonstrado na figura do ET. Esse jogo contratual direciona o programa de narratividade pelo destinador: enquanto este delineia um fazer persuasivo, *um querer*, o destinatário é projetado no âmbito da interpretação, da *crença do querer* daquele. O destinatário faz, então, crer no simulacro de que o jovem precisa transformar um estado.

Na figura 2, observamos, no anúncio, as formas verbais imperativas «Faça» e «comprove», instaurando um efeito de proximidade intersubjetiva entre o destinador e o destinatário, e este se encontra marcado pelo pronome de segunda pessoa «você», que está implícito àquelas formas.

A manipulação provoca um efeito de implicação, pois a imanência do conteúdo faz projetar as seguintes proposições: «Se você fizer fisioterapia manual, comprovará os resultados: retornará a ser jovem saudável» ou «Se você fizer fisioterapia manual, comprovará os resultados: terá saúde, terá coluna saudável». Nesses casos, configura-se a lógica implicativa «*se x, então y*». Por meio da manipulação por tentação, o destinador garante o prêmio ao destinatário, que é ter saúde, ter a coluna saudável.

Depreendemos, assim, que há um nível hierárquico de superioridade do destinador-manipulador para com o destinatário-manipulado. Na figura 2, aquele detém o *saber-fazer*, ou seja, a manipulação se dá pelo nível da modalidade do saber, pois o destinador tem competência para fazer tratamento por meio da fisioterapia manual, considerando que o possível destinatário, público do anúncio, pode estar acometido de problemas de coluna e precisando do serviço de fisioterapia. Esse *modus operandi* constitui uma manipulação por tentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semiótica discursiva, por meio de seu arcabouço teórico-metodológico, dá conta dos sentidos dos textos, partindo da relação entre um fazer persuasivo e um fazer interpretativo. Nesse sentido, tencionámos averiguar o *modus operandi* empreendido pelo enunciador para a produção do sentido nos textos, explorando o plano de expressão e o plano de conteúdo.

Vimos que o enunciador alinha os temas juventude e velhice em textos que provocam um efeito de concessão, pois a dimensão verbal se remete ao idoso e no visual, ao jovem. Em outros termos, o enunciador sugere a construção de enunciado como «Embora jovem, possui doença de idoso».

Observámos os percursos da produção do sentido, recorrendo ao modo de dizer dos enunciadores diante da configuração do contrato de fidúcia. Para tanto, analisámos os textos primando pela cadeia enunciativa e discursiva e procurando demonstrar como o percurso de sentido está semioticamente manifestado nos textos. Assim, depreendemos que os textos manifestam diferentes tons de voz:

- um que apresenta efeito de humor pelas figuras de personagens, como o *minion*, o ET e o super-herói Deadpool, tematizando o jovem disforicamente. Também a mistura entre marcas de oralidade na escrita, sons onomatopaicos que remetem ao som de articulação da coluna, do joelho, do cotovelo, do corpo «crocante», como própria da escrita que se inscreve no papel de jovem;
- outro que traz um tom sério de voz, pautado no *saber-fazer*. Esta voz emerge de um destinador que projeta a manipulação ao destinatário por meio da tentação, investindo um conteúdo em que a concessão estrutura o vínculo da projeção de sentido nos textos.

Os textos têm por base o simulacro da enunciação enunciada, o que cria um efeito de aproximação do enunciador com seu enunciatário e um efeito de verdade, mesmo que os enunciadores tenham se manifestado a partir de diferentes posições enunciativas. O enunciador projeta um caráter disfórico para o jovem e, ao mesmo tempo, reforça, no plano do conteúdo, a relação concessiva entre a juventude e a velhice.

Não é nosso propósito esgotar todas as possibilidades de análise, nem perquirir todas as nuanças da produção dos sentidos nestes recortes textuais, mesmo porque é difícil delinear todos os investimentos de sentido nos textos, mas simplesmente perscrutar o modo como os sentidos emergem dos textos, acionando um fazer persuasivo e um fazer interpretativo, imanentes ao próprio estabelecimento do contrato de fidúcia.

Semiotizar o jovem e o idoso na dimensão textual-discursiva remete ao próprio funcionamento da sociedade, e os textos não concebem esses dois actantes como

elementos contrários mas como termos de uma relação de concessão. Esse modo de perceber sugere uma presença do sujeito da enunciação que projeta uma imagem de jovem e idoso como corpos inacabados e imperfectivos.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Diana Luz Pessoa de (2001). *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3.ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

BENVENISTE, Émile (1989). *O aparelho formal da enunciação.* In BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. 3.ª ed. São Paulo: Pontes, vol. II.

BENVENISTE, Émile (2005). *Problemas de Lingüística Geral*. 5.ª ed. São Paulo: Pontes, vol. I.

DISCINI, Norma (2004). *Intertextualidade e conto maravilhoso*. São Paulo: Humanitas.

DISCINI, Norma (2018). *A comunicação nos textos*. 2.ª ed. São Paulo: Contexto.

FECHINE, Yvana (2018). *Pour une sémiotique de la propagation: invention et imitation sur les réseaux sociaux*. «Actes Sémiotiques». Limoges: Université de Limoges. 121. [Consult. 15 nov. 2019]. Disponível em <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5953>.

FIORIN, José Luiz (2016). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3.ª ed. São Paulo: Editora Contexto.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude (2001 [1988]). *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso/Humanitas.

GREIMAS, Algirdas Julien (2004). *Semiótica figurativa e semiótica plástica.* Trad. de Assis Silva. In OLIVEIRA, Ana Cláudia de, *org. Semiótica plástica.* São Paulo: Hacker Editores, pp. 75-96.

GREIMAS, Algirdas Julien (2014). *Sobre o sentido*. Trad. de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp. Vol. II: *Ensaios semióticos*.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (2016). *Dicionário de semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto.

HJELMSLEV, Louis (2006). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.

LOPES, Ivã Carlos (2003). *Entre expressão e conteúdo: movimentos de expansão e condensação*. «Itinerários». 20, 65-75. Número especial.

ZILBERBERG, Claude (2011). *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial.